

Agosto



# AGOSTO

Romina Paula

*tradução de*

Ellen Maria Vasconcellos



*A menina retorna com rosto de roedor, desfigurada por  
não querer saber o que é ser jovem.*

Héctor Viel Temperley, *Hospital Británico*



# I

ALGO ASSIM COMO QUERER ESPALHAR SUAS CINZAS, como querer te espalhar.

Foi o que me disse seu pai ontem quando me encontrei com ele, me contou isso, que já faz cinco anos. Eu já sabia, na verdade, mas acho que não tinha em mente que então já se cumpria o prazo jurídico. Estávamos tomando vinho branco, não sei por que, suponho que por inércia. Eu não gosto de vinho branco, mas isso é o de menos. Fomos a um desses bares de paredes amarelas e luzes de LED, porque sim, porque era perto e porque tinha calefação. Não comemos nada, não comemos porque era muito cedo para a janta e muito tarde para um lanche da tarde. Além disso, já tínhamos decidido que íamos tomar vinho. Branco. Então imagina como foi que eu fiquei. O vinho, as cinzas, o pacote completo. Jorge me disse que já é possível exumar o corpo, o seu, que já podem te exumar, isto é, dispor do seu corpo. Que como venceu o prazo jurídico para uma exumação já podem te tirar dessa tumba anônima e dispor, dispor do seu corpo. Me disse que querem te tirar daí para te espalhar em outro lugar, parece que querem te espalhar em algum lugar ou te enterrar, não sei, isso não ficou muito claro, mas acho que nem eles sabem exatamente o que fazer. Que queria me contar, assim pessoalmente, e me convidar para ir até sua casa, que não me preocupe com os gastos da viagem, se eu não tiver, que eles arcam, porque querem que eu esteja aí a qualquer custo, que

é importante que eu esteja. E que queria compartilhar, me comunicar a decisão também, e saber o que eu achava.

Cinco anos, puta merda, não consigo acreditar, cinco anos já. Claro que sim, claro que tenho algo para dizer, claro que não só algo, mas muito o que dizer, vários anos sem falar sobre ou comentando sempre com as mesmas – poucas – pessoas, claro que tenho o que falar.

Trato de falar, tento me recompor, busco reforço num gole, um longo gole olhando a garrafa de Chalise até aonde ia a atenção do seu pai, que olha pela janela, que tem tempo, que está tranquilo e aí de repente me entra sabe-se lá de onde uma emoção terrível, uma angústia incontrolável, e não quero chorar na frente do seu pai, justamente porque ele está assim, todo inteiro, não ia ser bom chorar na frente dele. Não sei se o vinho branco favorece a choradeira ou o que desencadeou, quero dizer, porque já fazia um tempo que eu podia falar de você sem perder a compostura, inclusive falar sobre o que aconteceu, do que aconteceu com você, dizer *depois da morte de* e não *depois do que houve com*, que sabemos, é muito mais ambíguo e dá margem à confusão. Ou pelo menos já não cito isso, o desaparecimento total. Vê? Inclusive agora já posso dizer, dizer seu nome, escrever tudo isso sem me comover, mas nesse momento não sei, coitado do seu pai. Talvez fosse a surpresa também, porque, claro, ia encontrar com ele e fiquei contente só de saber, de vê-lo, de saber da sua família, e não estava preparada, não estava preparada para nada triste, ou excessivamente triste e então me surpreendi. E o vinho, eu nunca tomo vinho branco. Então foi que ele me disse da cremação e me perguntou o que eu achava, que se interessa pela minha opinião e, bom, eu faço um esforço, tento me recompor, controlar meu queixo que treme, a mandíbula, e digo pra ele, não sei como, que concordo com ele, que eu estou de acordo com qualquer decisão que tenham, porque, na verda-

de, todos esses rituais que têm a ver com a morte são muito mais para os que ficaram do que para quem já se foi. E que se, para eles, era o melhor a se fazer, que se o cemitério não lhe significava nada em particular, como um lugar de visita, de referência, que fizessem, que por mim estava bem, na verdade me parecia uma boa forma de encerrar, considerando que já se fazia cinco anos. Algo assim, respondi, falei com veemência, acho, depois do vinho, suponho, porque queria tanto que ele não notasse a tristeza, que falei com convicção. Espero não ter atuado além da conta. Depois brindamos e tratei de recorrer mentalmente a *Six Feet Under*, à naturalização, à morte como cotidiano, como sossego, para me tranquilizar, para esfriar a emoção. Mas me custou, por alguma razão não chegou a me gerar a sensação de cotidiano dos Fisher. Depois seguimos conversando de qualquer outra coisa e me recompus até a hora de nos despedirmos. Quando seu pai me abraçou, meus joelhos fraquejaram e quase que não os venci, como naquele outro dia. Me emocionei, ele percebeu, e percebi que ele também estava emotivo.

Primeiro, e não sei em que ordem, rego um jardim, é Esquel, é o jardim da minha casa em Esquel, a casa do meu pai geminada com a sua chácara. Rego as árvores do quintal, me lembro da ordem, qual árvore depois de qual, e a sensação de transitar de uma sombra para outra, em qual cresce grama e em qual não. O eucalipto, o carvalho, o pinheiro, o pinheiro com seus frutos em forma de roseta, as rosas do pinheiro, marrons, de madeira, como flores de madeira; o espaço para guardar tranqueira, sem árvores, a horta, a breve plantação de framboesas, sem muito fruto, a árvore de galhos idênticos, paralelos desde a terra, fácil de trepar e suas frutinhas laranjas e amarelas, pegajosas, são suas flores?; o abeto, como um pinheiro só que azul, que nenhuma criança ou planta consegue trepar e então não ganha muita atenção, não tem tanta per-

sonalidade, para nós que medimos as árvores pela sua utilidade. Tudo está muito seco e me custa controlar a mangueira, porque é grande, pesada e se sente que tem muita pressão de água. É amarela?

Depois, estou na faculdade e alguém toca a ponta de um dos meus dentes, os incisivos, um pedacinho que parecia estar solto e é assim que se quebram todos, toda a parte de cima cai em pedacinhos, como se fossem cacos de vidro. Só me sobram restos de dentes, pontiagudos e afiados, como os de ratos, mas quebrados. Surpresa e dor.

## 2

AGORA ESCUTO UM BARULHINHO DE RATO O TEMPO todo. E isso significa que: quero me mudar, quero sair daqui. Ramiro não. Para ele parece uma estupidez. Ele argumenta que na cidade qualquer lugar está cheio de ratos, que deveríamos agradecer que não é uma ratazana, e que isso se resolve não enchendo o armário de comida. Por minha vez, cada vez que descubro um novo pacote picotado pelos dentinhos do animal, tenho vontade de vomitar. E de sair daqui, de me mudar. Ramiro disse que toda vez que encontro um problema, por menor que seja, no lugar de pensar em como poderia resolvê-lo, quero fugir. Pode ser. Mas não encontro uma solução para este. E, além disso, não é o único. Problema, quero dizer. Por outro lado, isso que ele define como fugir, provavelmente seja meu instinto de preservação. Então, para mim, a invasão do rato termina de confirmar o estado de abandono ao qual temos a casa, o pouco presentes que estamos na casa (eu, pelo menos) como para que algo assim possa avançar, outro ser. E se não é assim, como se explica que tenha aparecido agora e não e nunca nos últimos anos? Não acho que seja casualidade. Ou sim, ou melhor ainda, uma acumulação de casualidades que se sintetiza no rato. Por um lado, o sonho dos dentes de roedor. Depois, olho pra cima numa noite, na esquina de casa, e vejo um rato correr pelos fios de luz, como se fossem caminhos, com essa determinação, essa segurança. Dias depois me topo com outro, outro rato em outro bairro, paralisado, tenso. Está próximo do meio-fio. Ato as histórias, suspeito que

se electrocutou e caiu assim, esturricado, sobre a calçada, duro. E depois, de dentro do ônibus, vejo ratazanas, essas sim, essas sim, gigantes, as vejo passar, ir do prédio abandonado até uma acumulação de sacos de lixo, roubam algo, roubam coisas, alimentos, vão e voltam, muito rapidamente, muito eletricamente, uma com um pedaço de pão; vejo como se multiplicam sob meu olhar, cada vez vejo mais e me obrigam a pensar no roedor, o nosso. É um só ou são mais, é uma família talvez? Se apropriando do que é seu, ou melhor, se apropriando do que é nosso armário. Me resigno, quero deixar a casa, não quero matá-lo, não quero envenená-lo, se acontece dele morrer na cozinha, vou querer ir embora de qualquer jeito. Que nojo, já era, já foi, a merda está feita, o rato já tomou conta, já até nos vimos, já nos olhamos nos olhos, já não posso matá-lo nem mandar que o matem, nem muito menos conviver com ele. A cozinha é sua, já me dei por vencida. Lembrei, agora, era em *Bleu* ou em *Rouge* que a moça descobria um rato ou era uma mãe com seus ratinhos filhotes no depósito ou na lavanderia, não me lembro muito bem o que era, que lhe deixava muito impressionada? Eu então, vendo isso, não entendia o porquê de tanta coisa, por que tanto espanto por uns ratinhos. Depois, acho que ela pedia o gato emprestado do vizinho e o deixava trancado no quarto com os ratos para que fizesse seu trabalho, e lembro que ele fazia – ela – impressionadíssima, acredito que porque ela estabelecia uma espécie de paralelismo entre essa mãe-rata e ela. Isso sim era tratado no *Bleu*. Mas se era no *Rouge*, também, dá no mesmo, a identificação entre o rato e ela, todas as mulheres trágicas, todas as mulheres que sofrem, todas trágicas.

Não quero mais morar aqui. Ramiro disse que façamos assim: tragamos um gato. Que se me apeguei ao rato como uma idiota e me nego a matá-lo ou envenená-lo, que deixe que a natureza faça o que é próprio dela, que o gato faça

o que sabe fazer, que provavelmente nem vamos perceber, e que o rato provavelmente nem venha, que nem volte, se suspeitar que agora temos um gato. Pode ser. E me lembrei de quando entraram uns ladrões lá em casa, lá em Esquel, e que eu também, que também naquela situação propus que nos mudássemos. Não me lembrava, mas é verdade, faz muito tempo isso. Sim, a sensação de intrusão tinha sido horrível para mim, não era pelo material, nem sequer me lembro do que roubaram, mas sim, e isso me custou um tempo superar, que entraram na casa enquanto dormíamos, enquanto estávamos ali, os três na casa, porque nesse momento ainda éramos três, meu pai ainda não tinha voltado a se casar. Não só não pude dormir na noite seguinte do roubo, mas muitas outras, muitas outras também. Não era que não dormia, na realidade, mas que acordava todas as madrugadas na mesma hora. Ia até o videocassete da sala, que mostrava as horas com os numezinhos verdes, não o levaram, devem ter se assustado com algum barulho ou sabe-se lá por que, mas não o levaram e então sempre na mesma hora eu acordava, em pânico, assim, como que por um relógio interno, me levantava e espiava o corredor que dava diretamente na sala onde estava a televisão e o videocassete. Eu via se a luz verde que irradiava do visor do videocassete era a mesma, se o percurso da luz dos números era o de sempre, o conhecido, ou se algo o obstruía. Se estava bem, era sinal de que estávamos a salvo, pelo menos nessa noite. Se não, se houvesse algo obstruindo a luz ou simplesmente não estava, tínhamos sido atacados outra vez. Assim foram noites, noite trás noite, enquanto meu pai e meu irmão dormiam sem imaginar que eu passeava, que alguém andava pela casa, que alguém velava por seus sons, o deles, o sono deles. Não sei quanto durou, obviamente nunca contei para eles sobre meu perambular noturno, nunca lhes disse nada, mas insistia em que nos mudássemos. Para mim, então,

essa casa já tinha cumprido seu ciclo: foi dali que minha mãe tinha fugido, ali era onde decidira que não queria mais viver com a gente (nem ali nem em nenhum outro lugar, agora eu sei, mas na época não tinha isso tão claro) e como se isso não fosse suficiente, agora tínhamos começado a ser vulneráveis para o lado de fora, agora também para fora. Para mim era mais do que suficiente para declará-la maldita. Declará-lo. Um sobrado. Um sobrado maldito. Mas o argumento do meu pai sempre foi muito mais frio e concreto que o meu: Para onde merda você quer que a gente vá? Contudente. E ainda me invertia a proposição: nossa casa agora era mais segura que qualquer outra, que todas as demais; as probabilidades de que fôssemos assaltados outra vez, em breve, era de um em mil, em milhões. Não sei, mas não me convencia, mas não me sobrou outra que acatar. Depois, não sei quando, em algum momento, deixei de acordar às três da manhã e pronto, passou. Meu pai segue vivendo aí. Suponho que as razões que eu tinha para ir eram as mesmas que ele tinha para ficar. Por outro lado, suponho que ele realmente acreditava nessa estatística. E Ramiro me lembrou disso, desse momento em que eu insisti para que nos mudássemos e em como depois passou, simplesmente sumiu/evaporou. O fato é que agora não posso fazer muita coisa sem ele, sem seu consentimento. Sozinha não posso morar. Com Manuel também não. É bem provável que eu aceite o convite de seus pais. Uns dias no Sul podem me fazer muito, mas muito bem. Enquanto isso, que o gato faça o que precisa ser feito. Eu, por minha vez, prefiro não estar aqui.

### 3

PRIMEIRO PARA EM LINIERS. A ESCOLHA DO ASSENTO não foi tão ruim depois de tudo, reúne as condições básicas: é no andar de cima, é mais ou menos no meio. Do meu lado, ninguém. O único pequeno problema que identifico imediatamente é isto de que justamente na minha parte da janela vejo o batente, quer dizer, se delimita uma janela com outra, o encontro dos vidros, justo diante do meu nariz. Más notícias, a visão não haverá de ser ótima. Concluo, no entanto, a meu favor, que, em termos de segurança, é uma coisa boa porque é um batente que poderia amortizar o golpe, e, se necessário, é um batente grosso, que – pelo menos – não é vidro. Me reconcilio, então, com essa porção de borracha e chapa entre mim e a paisagem. A saída da cidade sempre é um inferno, demoramos uma hora para ir de Retiro a Liniers. Emilia de Retiro a Liniers, outro filme. Nessa hora, Clemente, nosso comissário de bordo, se ocupa de dar as boas-vindas, nos explica que servirá um jantar quente, cafezinho com opção de uísque para o filme, e café da manhã chegando a Bariloche. Clemente está muito contente com seu trabalho e com o microfone, está muito contente de poder contar para a gente tudo o que conta, e fazê-lo através do microfone. Clemente se move com agilidade entre os assentos e nos proíbe sólido nos banheiros. Repete. Diz e repetimos: nada sólido. Só a palavra já me retorce. O assento é amplo, não tenho companheiro de viagem, o ônibus não vai tão cheio, oferecem vinho para o jantar e uísque para depois, mas tudo o que, a

princípio, parece tão prometedor, rapidamente se transforma em um pesadelo. Clemente entende que precisa entreter a paisagem o tempo todo, como se não fosse suficiente olhar pela janela. Quando não fala pelo microfone, caminha entre os assentos entregando, retirando ou oferecendo refil de coisas, pergunta se temos calor, se temos frio, se está bem o ar assim. Eu tento olhar pela janela para que ele não fale comigo, e funciona até que ele convida a todos a fechar as cortinas por causa das pedras. Pedras? Lá fora não há nada mais que planície, nem sequer um rancho de estrada. Agora nem mais paisagem resta. Tento, então, me interessar pelo filme, já bastante começado, o qual um senhor musculoso precisa ser babá de um grupo de meninos loiros que se recusam bravamente. Ele leva mamadeiras em um cinto como se fossem granadas. Não funciona. Não me interessa e não posso dormir. Clemente vai e vem. Chega, Clemente, chega, por favor. Alguns senhores já roncam. Me dou conta, com frustração, de que aquela viagem que havia imaginado e desejado não vai acontecer. Que aquela coisa de ficar olhando pela janela e se deixar ir, e que os pensamentos passem, já não será possível. Estou trancada em um quarto em movimento com cheiro de cachorro molhado e Clemente borboleteando. E estou cansada, mas sem sono.

Desobedeço ao comissário e entreabro um pouco a cortina. Vejo pouco, mas necessito distrair a atenção do babá fisiculturista. Quero poder soltar Buenos Aires para ver o que me acontece lá. Penso na cara de Manuel ao pé da escada do ônibus em Retiro, penso em seus jeans desbotados, em seus tênis, em seus cachos, em como me olhou, no Galak e no Sensação que ele colocou no meu bolso no seu último abraço. Sinto que já sinto sua falta, é o que acontece nessas relações em que os casais passam muito tempo juntos, o outro se torna imprescindível, orgânico, e isso é o que não está tão bem. Me desestabiliza ou pelo menos me desconcerta, que

seu corpo – de fato – esteja tão longe do meu. Já perdi o costume, é isso, já perdi. Perdi o costume de ser um. Uma. Agora, no ônibus, começo a perceber uma espécie de abstinência de Manuel. Mas o escolho? O escolheria agora, começando do zero? Poderia decidir não escolhê-lo? O escolhi, escolhi tudo isso em algum momento? Como começou? Já mal me lembro de como começou. Foi o Ramiro, sim. Em alguma festa, claro. Depois de muitas noites em claro, certamente, e de tardes de mate também. De que não me chamasse a atenção de forma alguma, de que não me chamasse a atenção em particular, de estar obcecada por um cara da faculdade e de não poder ver, de não ver mais do que isso no Manolo, o amigo do meu irmão, que isso, que um simples amigo do meu irmão. De saber, de repente, porque me conta meu irmão, muito de má vontade, quase como um sacrifício, de me inteirar de que esse fulano gosta muito de mim, esse cara, que esse dos cachos gosta muito de mim e que pergunta por mim. Me surpreende e me desloca: não percebi que gostava, de jeito nenhum, não me passava pela cabeça, nem minimamente nem nada, nem por um instante tinha visto nele um possível candidato. De ficar bêbada depois de alguma festa e terminar aos beijos com ele, depois de algum show, em Banfield ou em Lanús, de vomitar e que ele me cuide e que queira seguir me beijando mesmo depois do vômito e de voltar de trem até Constitución em alguma manhã de domingo, minha bochecha amassada sobre a gola do seu casaco ou do seu cachecol ou entre a gola e o cachecol. De não ter pensado nisso antes, de dormir com ele e de não nos separarmos mais. Dois anos já, dois anos mais ou menos dessa manhã e nunca me perguntei, nem antes nem depois nem durante, simplesmente foi sendo assim e fui me apegando até me apegar de tudo e não nos separamos mais desde aqueles beijos perto do palco depois daquele show em Lanús. Ou em Banfield. Onde eu

gostei que ele cuidasse do vômito, que quisesse seguir me beijando depois e que me desse a mão a caminho da estação de trem, com a bolsa no ombro, a minha, para me ajudar, que me desse a mão já, como se fôssemos namorados, como se apropriando e que eu deixasse levar, de bêbada que estava, de mal que me sentia e porque me sentia bem também, por isso também.

Clemente nos desperta pela manhã, não sem violência, mas fazendo tocar um DVD de músicas latinas. Abro os olhos e, além da Patagônia, vejo Ricardo Montaner de branco em umas varandas gregas, muito brancas, cantando a uma moça, de vestido bufante que se faz de pomposa, em alguma praia. Ricardo canta em barcos, entardeceres e interiores com vasos de barro. Clemente vem e vai, diligente. Está penteado, há uma certa produção aí. Me passa uma bandeja para que eu a coloque sobre as pernas enquanto tento que a marca do batedor da janela desapareça na minha bochecha. Tenho a testa úmida e o cabelo amassado. O suor da janela se desfez em água na minha testa. Lá fora, montanha. Em uma hora mais ou menos, estamos em Bariloche. Sonhei algo estranho, não sei muito bem o quê, mas algo me remete. Alguma sensação familiar, algo recuperado de outra data.

Quando desço do ônibus em Bariloche, o vento de Nahuel Huapi me desfaz a franja e o ar gelado me destapa o nariz, cheio de cheiro de gente. Toco o frio com os dentes, abro a boca, o trago: trago um bocado de ar do sul. Estou começando a me sentir bem. Agora, desde aqui, desde essa rodoviária, enquanto espero minha vez para retirar minha mochila, Manuel, sua calça, seus cachos, já se parecem algo longínquo/distante.

## 4

SEGUNDA. NÃO SEI MUITO BEM COMO AGIR/ESTAR EM sua casa, não sei muito bem o que fazer. Trato de me mover para recuperar certa familiaridade; caminho. Sua gata não me reconhece, me observa de longe e se me aproximo para acariciá-la, me morde. Quando dorme, me dá as costas, me dedica seu desprezo. Suponho que eu o mereço, por tê-la abandonado, por ter deixado de vir tão cruelmente, como se nunca tivesse sido nada, mais que um apêndice seu. Esvazio alguns cinzeiros; sua mãe, claro, me disse para me sentir cômoda, que fizesse o que eu quisesse, que me sentisse em casa. Mas claro, não é minha casa e nem sei com certeza se, em algum momento, foi sua casa. Jorge até me deixa usar o computador, imagine que sensibilizado deve estar que até me deixou a senha do wifi anotada em um papelzinho amarelo, desses que têm cola numa parte e que serve para lembrar de coisas, com o pertinente pedido de decorar a senha e destruir o papel em seguida. Não sei muito bem o que fazer, agradeço a generosidade e o apreço – conhecendo-o muito bem – do enorme gesto, mas por ora, prefiro a caneta e o papel. Tanta carga emocional tem esse computador que me dá medo que aconteça algo. É tão maníaco que vestiu um casaco no monitor, você acredita? Um que diz UCLA, ridículo, deve ter sido de algum de vocês, e que cobre a tela para que a gata não o arranhe. Hoje passei um tempo revendo suas coisas, mas assim, praticamente desmelancolizada, sem tristeza nem umidade nos olhos, estive entre suas coisas, revisando, olhando

com as mãos. Me deparei com uma gaveta cheia de papéis e coisinhas que tem aí, dessas que têm todo tipo de ingressos de cinema, convites, cartinhas, coisinhas, milhares de cartinhas minhas, com bobagens, tantas bobagens por escrito, a reconstrução de uma história da estupidez, praticamente, da idiotez, da tolice. E depois cadernos, todos começados e nunca terminados, com só algumas coisas escritas, umas poucas, em uma letra tensa. Eram pensamentos colocados aí freneticamente, isso me pareceu, que foram escritos em momentos de forte emoção, de arrebatamento, pela letra, porque era a tua, mas modificada, não como a do colégio, não como a das cartas, cheias de tachados, erros e arrependimentos, voltando sobre seus passos, sobre suas palavras. Aqui era tudo de uma vez, sem voltar atrás, como se nem sequer tivesse sido relido, por mais erros que tivesse. Escrevia sensações ou sonhos, não sei, coisas. Mas não era isso, não era o que escrevia o que me surpreendeu, inclusive algumas dessas situações, acho que você me contou, alguns desses sonhos. O estranho é o tom, o como. Isso é o estranho. Você não falava assim. Também não escrevia assim, não quando escrevia a alguém, a mim, por exemplo. São linhas cheias de angústia, de raiva, de ódio quase, muito cruéis, com você, com tudo, mas, sobretudo, com você. Tão severa com você mesma, nossa senhora, quanta severidade. De qualquer modo, foi um descobrimento muito feliz, quero dizer: foi bom descobrir. Te conto que primeiro senti uma estranheza tremenda e uma angústia, de pensar que não te conheci realmente, mas não, isso seria uma idiotice também, porque claro que te conheci, quem melhor que eu. Mas isso mesmo foi o que eu gostei também, que houve coisas suas que nem mesmo eu cheguei a conhecer, isso eu gostei, que não me tivesse dado tudo, mostrado, que tivesse coisas que guardou só pra você. Olha só como você se mostrou ardilosa.

Ontem voltei a sonhar com os de *Six Feet Under*, mas só com Nate, David e Ruth. Ruth me lembra muito a Úrsula e agora se vê que no inconsciente até se juntam, porque no meu sonho Ruth era Ruth, mas também era sua mãe, e os meninos eram algo assim como os seus primos. A coisa é que estávamos em sua chácara e estavam abertos os regadores de terra e eu me molhava, me banhava debaixo de um deles com um vestido estampado de folhas verdes, parecido com aquela roupa que custurou a Fräulen Maria aos Von Trapp com as cortinas velhas. Me banhava debaixo dos regadores e era muito feliz. Nate e David andavam por aí, e Ruth/sua mãe também, mas ela estava dentro da casa, e eu sabia que estava aí e sentia um carinho absurdo por todos. Então alguém, não sei se você, me perguntava se eu gostava de algum deles, e Nate estava noivo, porque no meu sonho também existia Brenda, sua mãe falava dela e dizia que ela já tinha dado para não sei quantos caras e acho que era você que me perguntava se eu não gostava de David. Nós duas sabíamos que ele era gay, mas mesmo assim eu gostava tanto dele que sentia que gostava desse outro jeito também, e de Nate, outro tanto. Que estupidez, os personagens, porque nem sequer eram os atores neste caso, mas os personagens mesmo, que passam a fazer parte de nossa vida. Mas enfim, os Fisher me fazem lembrar da sua família desde a primeira vez que os vi, o que eu posso fazer.